

Transtornos mentais e o impacto acadêmico em estudantes de medicina submetidos ao método de aprendizado baseado em problemas

Mental disorders and the academic impact on medical students submitted to the problem-based learning method

DOI:10.34117/bjdv7n8-488

Recebimento dos originais: 20/07/2021

Aceitação para publicação: 20/08/2021

Danilo José de Andrade Santos Silveira

Acadêmico do curso de graduação em Medicina da Universidade Tiradentes- UNIT
Av. Murilo Dantas, 300, bairro Farolândia, Aracaju-SE
Endereço: Rua Engenheiro Antonio Gonçalves Soares,480, Bairro Luzia – Aracaju-SE.
E-mail: daniloosilveira@gmail.com

Raul Bomfim Neto

Acadêmico do curso de graduação em Medicina da Universidade Tiradentes- UNIT
Av. Murilo Dantas, 300, bairro Farolândia, Aracaju-SE
Endereço: Rua Alessandro Santos de Santana, 23, Bairro Ponto Novo – Aracaju-SE.
E-mail: rbneto_@hotmail.com

Kamila Maria de Andrade Santos Silveira

Graduação em Medicina pela Universidade Tiradentes
Médica plantonista
Endereço: Rua Jasiel de Brito cortes 847 Aracaju, SE CEP 49095780
E-mail: dra.kamilasilveira@gmail.com

Eusébio Lino dos Santos Júnior

Graduação em Medicina pela Universidade Tiradentes
Médico Residente em Infectologia pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP
Endereço: Rua Dr. Ovidio Pires de Campos, 171, Cerqueira César, São Paulo, SP CEP 05403-908
E-mail: eusebio.lino@hc.fm.usp.br

Paulo Milhomem Ferro Neto

Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe.
Endereço: Rua engenheiro Antônio Gonçalves Soares, 410, Condomínio Solar das Árvores. Bloco Pinheiros , Apto 1103. Bairro Luzia. Aracaju, Sergipe. 49045250
E-mail: paulo_orref@hotmail.com

Déborah Pimentel

Doutora em Ciências da Saúde; professora titular da Universidade Tiradentes e da Universidade Federal de Sergipe
Endereço: Av. Dr. José Machado de Souza, 120, sala 526, bairro Jardins, Aracaju-SE
E-mail: deborah@infonet.com.br

RESUMO

Introdução: A saúde mental dos estudantes de medicina é motivo de preocupação devido a fatores estressantes como carga horária intensa, bastante conteúdo teórico prático e metodologia de ensino diferente do habitual. O PBL traz o discente como centro do processo ensino-aprendizagem contribuindo para sua formação. No entanto, os alunos estão sujeitos a desenvolver transtornos mentais comuns como TAG, depressão, TDAH e fobia social. **Objetivo:** Reconhecer a presença de transtornos mentais comuns em estudantes de Medicina que estão sujeitos ao método de ensino e aprendizagem baseada em problemas, no estado de Sergipe. **Método:** Estudo clínico, não experimental, exploratório, transversal, descritivo e de abordagem analítica quantitativa. **Obtivemos** uma amostra de 323 estudantes de medicina do estado de Sergipe, submetidos ao método PBL. **Resultados:** Em relação ao total de entrevistados, cerca de 37% da amostra acreditavam possuir algum tipo de transtorno psíquico. A respeito dos que realmente foram diagnosticados por especialistas da área, tem-se TAG (8,35%), TDAH (2,17%), Depressão (2,17%) e cerca de 31% dos estudantes foram diagnosticados com algum grau de Fobia Social. Além disso, o sexo feminino prevaleceu em todos os transtornos abordados, exceto TDAH. Com relação a desistência do curso, constatou-se que os alunos com sintomas depressivos são os que mais pensaram nesta possibilidade; já em relação a sentir-se humilhado ou envergonhado prevaleceu a fobia social. **Conclusão:** Com base nas constatações desse estudo, transtornos psíquicos como TAG, depressão, TDAH e fobia social mostraram-se presentes na vida dos acadêmicos de medicina e por isso merecem atenção.

Palavras-Chave: Transtornos Mentais, Estudantes De Medicina, Aprendizagem Baseada Em Problemas.

ABSTRACT

Introduction: The mental health of medical students is a matter of concern due to stressful factors such as intense workload, a lot of practical theoretical content and teaching methodology that is different from the usual one. The PBL brings the student as the center of the teaching-learning process, contributing to their education. However, students are likely to develop common mental disorders such as GAD, depression, ADHD and social phobia. **Objective:** To recognize the presence of common mental disorders in medical students who are subject to the problem-based teaching and learning method in the state of Sergipe. **Results:** Regarding the total number of respondents, about 37% of the sample believed they had some kind of mental disorder. Concerning those who were actually diagnosed by specialists in the field, there is GAD (8.35%), ADHD (2.17%), Depression (2.17%) and about 31% of students were diagnosed with some degree of Social Phobia. Furthermore, the female gender prevailed in all the disorders addressed, except ADHD. With regard to dropping out of the course, it was found that students with depressive symptoms are the ones who most thought about this possibility; in relation to feeling humiliated or embarrassed, social phobia prevailed. **Conclusion:** Based on the findings of this study, psychological disorders such as GAD, depression, ADHD and social phobia were found to be present in the lives of medical students and therefore deserve attention.

Keywords: Mental Disorders, Medical Students, Problem-Based Learning.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental dos profissionais de saúde é motivo de preocupação há algumas décadas, devido ao caráter estressante do trabalho. Agora, essa preocupação estende-se também aos estudantes de medicina (NEPONUCENO; SOUZA; NEVES, 2019). Desde o vestibular, os estudantes que desejam ser médicos, apresentam uma qualidade de vida reduzida, estresse aumentado e privação das horas de sono, em virtude da grande concorrência por uma vaga (OLIVEIRA et al., 2017). Ao chegar no curso, deparam-se com fatores, como método de ensino diferente do utilizado no ensino médio, carga horária intensa, grande quantidade de conteúdo teórico-prático, constante formação de grupos para elaboração e apresentação de material para as aulas. Além disso, há contato frequente com pacientes graves, os quais são apontados como potentes estressores, sobretudo para os indivíduos com uma rede de apoio (confidentes, amigos e família) considerada deficiente, ou seja, os que não recebem o apoio emocional da forma necessária por estar em uma cidade longe de sua cidade de origem ou dos seus pais (SILVEIRA et al., 2020).

O método de aprendizagem baseada em problemas, ou como é conhecido internacionalmente, *problem-based learning* (PBL) é uma metodologia de ensino ativa, na qual o discente está no centro do processo ensino-aprendizagem, facilitando o desenvolvimento de um olhar ampliado acerca do ser humano e das suas relações sociais e com o ambiente. Ele favorece a formação de uma postura humanística e ética, voltada para a atenção ao enfermo (SALES et al., 2020; SILVEIRA et al., 2020; FIOROTTI et al., 2010).

A aquisição do aprendizado surge por meio da apresentação de um problema a ser resolvido e o aluno necessita articular seus conhecimentos prévios junto com os outros alunos com o objetivo de resolvê-lo. Assim, desenvolve-se o seu raciocínio crítico e as suas habilidades de comunicação. Outrossim, a avaliação não se dá apenas por prova escrita, ela também é feita analisando-se responsabilidade, atitude, habilidade, comunicação, senso crítico e capacidade de autoavaliação, o que pode levar a intensificação de transtornos psíquicos (RONN et al., 2019; REIS et al., 2013).

Segundo Sales et al. (2020), a prevalência dos transtornos mentais mais comuns em estudantes de medicina pode chegar a 50%, provocando efeitos negativos sobre o desempenho do aluno, sobre a saúde física e sobre o bem-estar psicossocial.

Dentre os inúmeros transtornos psíquicos existentes, destacam-se o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), os transtornos depressivos (depressão), transtorno do

déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e o transtorno de ansiedade social (fobia social), que serão abordados neste artigo.

Assim, o presente estudo tem como objetivo apontar os transtornos psíquicos e o impacto acadêmico em estudantes de medicina submetidos ao método de aprendizado baseado em problemas.

2 OBJETIVOS

Analisar a prevalência de transtornos mentais comuns em alunos submetidos ao método de aprendizado baseado em problemas.

3 MÉTODOS

Trata-se de um estudo não experimental, exploratório, transversal, descritivo e de abordagem analítica quantitativa. O presente artigo se define como um recorte feito de um estudo maior que teve como objetivo identificar a presença dos sintomas da fobia social em estudantes de Medicina sujeitos ao método de ensino e aprendizagem baseada em problemas no estado de Sergipe. O campus Farolândia da Universidade Tiradentes em Aracaju (SE) e o campus Prof. Dr. Antônio Garcia Filho da Universidade Federal de Sergipe em Lagarto (SE), foram os locais onde os dados foram coletados entre os estudantes de medicina.

Foram alcançados na pesquisa, estudantes acima de 18 anos, de ambos os sexos, onde tais instituições de ensino utilizam o método PBL, e que estivessem cursando quaisquer das etapas do 1º ao 8º semestre. Esse critério foi estabelecido devido a maior acessibilidade dos pesquisadores a este grupo, já que estudantes do internato são mais difíceis de serem localizados. Os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), de acordo com as normas do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde evidenciadas nas resoluções 466/2012 e a 510/2016. O parecer do CAAE de aprovação do projeto é de número 67748317.4.0000.5371.

A amostra populacional calculada foi baseada na fórmula de Gil (1999) para populações finitas, que analisa o tamanho preciso desta, e foi definida com erro amostral de 3,2% e com um nível de confiança de 95%, estabelecemos uma amostra de 323 alunos.

Foram respondidos um questionário específico construído pelos autores e a Escala de Ansiedade Social de Liebowitz (LSAS), a qual avalia situações de interação social e de desempenho que os estudantes com fobia social (FS) tendem a evitar ou apresentar medo e ansiedade (LIEBOWITZ, 1987). A LSAS foi adaptada especialmente para o

público-alvo, com questões sobre o seu desempenho escolar e se este estava associado à ansiedade, ao medo ou à insegurança e ainda quais os sentimentos quando o seu desempenho era insuficiente (humilhação, vergonha, e pensamentos sobre a possibilidade de abandonar o curso).

Foi feita uma análise descritiva apontando as variáveis categóricas por frequência absoluta e relativa. Para estimar as ligações entre as variáveis categóricas foi utilizado o teste Qui-Quadrado de Pearson. O nível de significância adotado foi de 5% e o software utilizado foi o R Core Team 2018.

4 RESULTADOS

O perfil epidemiológico destes estudantes demonstra que são predominantemente mulheres (59,4%), solteiros (94,9%) e com idade entre 18 e 25 anos (89,4%), estando a maioria cursando a sua primeira graduação (74%).

Através do questionário aplicado pelos autores do estudo, os acadêmicos foram perguntados sobre apresentarem ou não transtornos psiquiátricos, sejam eles diagnosticados, ou não, por um especialista. Aproximadamente 37% dos alunos responderam acreditar ser portadores de algum distúrbio, sendo o TAG o mais referido (71%), seguido da depressão (18%) e do TDAH (12%). Dos realmente diagnosticados por especialistas da área, tem-se TAG (8,35%), TDAH (2,17%) e Depressão (2,17%) em relação ao total de entrevistados (**Tabela 1**).

Tabela 1. Prevalência dos transtornos psiquiátricos nos estudantes universitários submetidos ao método PBL

	n	%
Você acredita ser portador de algum transtorno psíquico/emocional?		
Sim	120	37,3
Não	202	62,7
TRANSTORNOS SUGERIDOS		
Depressão		
Sim	20	18,0
Não	91	82,0
TAG		
Sim	79	71,2
Não	32	28,8
TDAH		
Sim	13	11,7
Não	98	88,3
TRANSTORNOS DIAGNOSTICADOS		
Depressão		
Sim	7	18,4
Não	31	81,6
TAG		
Sim	27	71,1

Não	11	28,9
TDAH		
Sim	7	18,4
Não	31	81,6
Fobia Social		
Sem Fobia Social	207	69,2
Fobia Social Moderada	34	11,4
Fobia Social Média	38	12,7
Fobia Social Grave	10	3,3
Fobia Social Muito Grave	10	3,3

n = frequência absoluta; % = frequência percentual. Sergipe, 2017. FONTE: Dados colhidos dos estudantes de medicina participantes da pesquisa.

Quanto ao questionamento sobre supor apresentar algum transtorno psíquico, a fobia social, não foi citada. Ou seja, os dados obtidos foram referentes ao diagnóstico a partir da Escala de Ansiedade Social de Liebowitz (LIEBOWITZ, 1987) aplicada neste estudo. Assim, cerca de 31% dos estudantes foram diagnosticados com algum grau de fobia social.

Uma análise do perfil epidemiológico desses pacientes diagnosticados por especialistas, ou através do teste a eles aplicado (Escala de Ansiedade Social de Liebowitz), mostrou uma prevalência do sexo feminino na depressão, na TAG e na fobia social em todos os graus, o que diverge da TDAH, a qual é mais prevalente em homens. No quesito faixa etária, pôde-se observar a prevalência dos quatro transtornos para a idade entre 18 e 25 anos. As prevalências permaneceram para os que sugeriram a doença e para os efetivamente diagnosticados.

O presente estudo também analisou como os transtornos mentais impactaram na vida acadêmica dos estudantes de medicina submetidos a metodologia ativa. Ao analisar o TAG (**Tabela 2**), verificando os que supõe ter o transtorno, em relação ao desejo de desistência do curso, prevaleceu aqueles que nunca pensaram em desistir (57%). A respeito de se sentir envergonhado com o desempenho acadêmico no último mês, prevaleceu aqueles que se sentiram desse modo uma ou duas vezes (53%). Já no que se refere a se sentir humilhado ou envergonhado ao ser criticado com relação ao seu desempenho acadêmico, não houve uma prevalência discrepante, sendo os resultados nunca (33%) e algumas vezes (27%) muito próximos. Esses resultados se assemelham bastante entre os estudantes diagnosticados e aqueles que se supõem portadores de TAG, com exceção para o quesito “se sentir humilhado ou envergonhado ao ser criticado, em relação ao seu desempenho acadêmico” em que houve uma prevalência para a resposta nunca.

Tabela 2. Questionamentos e prevalência associados ao Transtorno de Ansiedade Generalizada.

	Supõe TAG			Diagnóstico de TAG		
	Sim N (%)	Não N (%)	p-valor	Sim N (%)	Não N (%)	p-valor
Você já pensou em desistir do curso?						
Nunca	45 (57)	16 (50)	0,41	14(51,9)	6(54,5)	0,905
Uma vez	11(13,9)	6(18,8)		6 (22,2)	3(27,3)	
Algumas Vezes	19(24,1)	6(18,8)		5 (18,5)	1 (9,1)	
Muitas vezes	3 (3,8)	4(12,5)		2 (7,4)	1 (9,1)	
Sempre	1 (1,3)	0 (0)		0 (0)	0 (0)	
Você se sentiu envergonhado(a) de seu desempenho acadêmico no último mês?						
em nenhum momento me senti envergonhado(a).	18(22,8)	9(28,1)	0,483	7 (25,9)	2(18,2)	0,527
uma ou duas vezes me senti envergonhado(a).	42(53,2)	14(43,8)		13(48,1)	6(54,5)	
cerca de metade do tempo me senti envergonhado(a).	10(12,7)	2 (6,3)		2 (7,4)	0 (0)	
senti-me envergonhado(a) a maior parte do tempo.	7 (8,9)	6 (18,8)		3 (11,1)	3 (27,3)	
senti-me envergonhado(a) o tempo todo.	2 (2,5)	1 (3,1)		2 (7,4)	0 (0)	
Você se sente humilhado ou envergonhado ao ser criticado com relação ao seu desempenho acadêmico?						
Nunca	26(32,9)	8 (25)	0,882	11(40,7)	3(27,3)	0,04
Uma vez	14(17,7)	7 (21,9)		6 (22,2)	1 (9,1)	
Algumas Vezes	21(26,6)	10(31,3)		3 (11,1)	5(45,5)	
Muitas vezes	10(12,7)	3 (9,4)		1 (3,7)	2(18,2)	
Sempre	8 (10,1)	4 (12,5)		6 (22,2)	0 (0)	

n = frequência absoluta; % = frequência percentual. Teste qui-quadrado de Person. Sergipe, 2017. FONTE: Dados colhidos dos estudantes de medicina participantes da pesquisa.

Em relação aos alunos que supõem ter depressão, o estudo mostrou que aproximadamente 65 % desses estudantes já pensaram em desistir do curso pelo menos uma vez. Em contrapartida, menos da metade (40%) daqueles que acreditam não ter o transtorno, pensaram na possibilidade de desistência. Além disso, a sensação de humilhação e de vergonha é bastante comum nos indivíduos com sintomas depressivos, e está presente em 80% desses alunos. Isso acaba influenciando na satisfação em relação ao seu desempenho pessoal, pois 80% destes alunos apresentaram insatisfação em relação ao seu desempenho acadêmico pelo menos uma vez durante o curso. Os resultados são semelhantes aos encontrados naqueles que já apresentam o diagnóstico de depressão, com exceção da insatisfação em relação ao desempenho, a qual se mostra menor neste grupo (Tabela 3).

Tabela 3. Questionamentos e prevalência associados à Depressão.

	Supõe Depressão		p-valor	Diagnóstico de Depressão		p-valor
	Sim N (%)	Não N (%)		Sim N (%)	Não N (%)	
Você já pensou em desistir do curso?						
Nunca	7 (35)	54 (59,3)	0,023	2 (28,6)	18 (58,1)	0,021
Uma vez	2 (10)	15 (16,5)		1 (14,3)	8 (25,8)	
Algumas Vezes	7 (35)	18 (19,8)		2 (28,6)	4 (12,9)	
Muitas vezes	4 (20)	3 (3,3)		2 (28,6)	1 (3,2)	
Sempre	0 (0)	1 (1,1)		7 (100)	31 (100)	
Você se sentiu envergonhado(a) de seu desempenho acadêmico no último mês?						
em nenhum momento me senti envergonhado(a).	4 (20)	23 (25,3)	0,253	3 (42,9)	16 (51,6)	0,284
uma ou duas vezes me senti envergonhado(a).	12 (60)	44 (48,4)		0 (0)	2 (6,5)	
cerca de metade do tempo me senti envergonhado(a).	0 (0)	12 (13,2)		3 (42,9)	3 (9,7)	
senti-me envergonhado(a) a maior parte do tempo.	4 (20)	9 (9,9)		0 (0)	2 (6,5)	
senti-me envergonhado(a) o tempo todo.	0 (0)	3 (3,3)		7 (100)	31 (100)	
Você se sente humilhado ou envergonhado ao ser criticado com relação ao seu desempenho acadêmico?						
Nunca	4 (20)	30 (33)	0,799	2 (28,6)	5 (16,1)	0,443
Uma vez	5 (25)	16 (17,6)		2 (28,6)	6 (19,4)	
Algumas Vezes	6 (30)	25 (27,5)		1 (14,3)	2 (6,5)	
Muitas vezes	3 (15)	10 (11)		1 (14,3)	5 (16,1)	
Sempre	2 (10)	10 (11)		7 (100)	31 (100)	

n = frequência absoluta; % = frequência percentual. Teste qui-quadrado de Person. Sergipe, 2017. FONTE: Dados colhidos dos estudantes de medicina participantes da pesquisa.

Cerca de 12% dos estudantes acreditam ter TDAH. Devido às prováveis dificuldades de aprendizado, quase metade destes pensou em desistir do curso (46%) e 85% deles encontram-se insatisfeitos com seu rendimento acadêmico, sentindo-se envergonhados pelo desempenho, pelo menos uma vez no último mês. Quando questionados sobre sentir-se humilhados ou envergonhados quando criticados, 23% responderam que nunca se sentiram, 31% responderam que se sentiram apenas uma vez, 31% sentiram-se envergonhados algumas vezes e 8% sentiram-se envergonhados muitas vezes. Em comparação àqueles com TDAH já diagnosticados por especialistas, a

principal diferença está na satisfação em relação ao desempenho acadêmico, sendo que 71% nunca se sentiram envergonhados pelo seu desempenho no último mês (**Tabela 4**).

Tabela 4. Questionamentos e prevalência associados ao TDAH.

	Supõe TDAH			Diagnóstico de TDAH		
	Sim N (%)	Não N (%)	p- valor	Sim N (%)	Não N (%)	p-valor
Você já pensou em desistir do curso?						
Nunca	7(53,8)	54(55,1)	0,052	3(42,9)	17(54,8)	0,841
Uma vez	3(23,1)	14(14,3)		2(28,6)	7 (22,6)	
Algumas Vezes	2(15,4)	23(23,5)		2(28,6)	4 (12,9)	
Muitas vezes	0 (0)	7 (7,1)		0 (0)	3 (9,7)	
Sempre	1 (7,7)	0 (0)		7 (100)	31 (100)	
Você se sentiu envergonhado(a) de seu desempenho acadêmico no último mês?						
em nenhum momento me senti envergonhado(a).	2(15,4)	25(25,5)	0,018	5(71,4)	14(45,2)	0,465
uma ou duas vezes me senti envergonhado(a).	5(38,5)	51 (52)		1(14,3)	1 (3,2)	
cerca de metade do tempo me senti envergonhado(a).	3(23,1)	9 (9,2)		0 (0)	6 (19,4)	
senti-me envergonhado(a) a maior parte do tempo.	1 (7,7)	12(12,2)		0 (0)	2 (6,5)	
senti-me envergonhado(a) o tempo todo.	2(15,4)	1 (1)		7 (100)	31 (100)	
Você se sente humilhado ou envergonhado ao ser criticado com relação ao seu desempenho acadêmico?						
Nunca	3(23,1)	31(31,6)	0,782	2(28,6)	5 (16,1)	0,508
Uma vez	4(30,8)	17(17,3)		3(42,9)	5 (16,1)	
Algumas Vezes	4(30,8)	27(27,6)		0 (0)	3 (9,7)	
Muitas vezes	1 (7,7)	12(12,2)		0 (0)	6 (19,4)	
Sempre	1 (7,7)	11(11,2)		7 (100)	31 (100)	

n = frequência absoluta; % = frequência percentual. Teste qui-quadrado de Person. Sergipe, 2017. FONTE: Dados colhidos dos estudantes de medicina participantes da pesquisa.

Ao comparar os estudantes com e sem o transtorno de ansiedade social, observa-se que nunca se sentir envergonhado com o seu desempenho acadêmico prevaleceu (85%) para os estudantes que não apresentam a fobia social. Vale salientar que para os outros questionamentos feitos durante as entrevistas, os resultados foram bastante semelhantes. Nunca se sentir envergonhado ou humilhado ao ser criticado pelo seu desempenho acadêmico (87%), como também nunca pensar em desistir do curso (77%), também prevaleceu para os que não apresentam o transtorno (**Tabela 5**).

Tabela 5. Questionamentos e prevalência associados à fobia social.

	Fobia Social					p-valor
	Sem Fobia Social	Fobia Social Moderada	Fobia Social Média	Fobia Social Grave	Fobia Social Muito Grave	
	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	
Você se sentiu envergonhado(a) de seu desempenho acadêmico no último mês?						
Em nenhum momento me senti envergonhado(a).	88(84,6)	7 (6,7)	6 (5,8)	2 (1,9)	1 (1)	0
Uma ou duas vezes me senti envergonhado(a).	103 (66,5)	21 (13,5)	22(14,2)	7 (4,5)	2 (1,3)	
Cerca de metade do tempo me senti envergonhado(a).	6 (33,3)	4 (22,2)	7 (38,9)	0 (0)	1 (5,6)	
Senti-me envergonhado(a) a maior parte do tempo.	8 (44,4)	2 (11,1)	2 (11,1)	1 (5,6)	5 (27,8)	
Senti-me envergonhado(a) o tempo todo.	1 (33,3)	0 (0)	1 (33,3)	0 (0)	1 (33,3)	
Você se sente humilhado ou envergonhado ao ser criticado com relação ao seu desempenho acadêmico?						
Nunca	105 (86,8)	11 (9,1)	4 (3,3)	1 (0,8)	0 (0)	0
Uma vez	42(68,9)	9 (14,8)	8 (13,1)	1 (1,6)	1 (1,6)	
Algumas Vezes	49(61,3)	7 (8,8)	19(23,8)	3 (3,8)	2 (2,5)	
Muitas vezes	7 (36,8)	3 (15,8)	2 (10,5)	3 (15,8)	4 (21,1)	
Sempre	3 (17,6)	4 (23,5)	5 (29,4)	2 (11,8)	3 (17,6)	
Você já pensou em desistir do curso?						
Nunca	148 (76,7)	19 (9,8)	19 (9,8)	5 (2,6)	2 (1)	0,074
Uma vez	25(59,5)	7 (16,7)	7 (16,7)	2 (4,8)	1 (2,4)	
Algumas Vezes	28(54,9)	6 (11,8)	8 (15,7)	3 (5,9)	6 (11,8)	

Muitas vezes	5 (50)	2 (20)	2 (20)	0 (0)	1 (10)
Sempre	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0 (0)

n = frequência absoluta; % = frequência percentual. Teste qui-quadrado de Person. Sergipe, 2017. FONTE: Dados colhidos dos estudantes de medicina participantes da pesquisa.

5 DISCUSSÃO

Cerca de 37% dos entrevistados de nossa amostra acreditavam ser portadores de algum transtorno psíquico, dado semelhante ao estudo de Rocha; Sassi (2013) realizado com 384 estudantes de medicina do curso de Medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que teve uma prevalência de 33,6% de alunos com transtornos mentais menores. Resultado também próximo à pesquisa de Fiorotti et al. (2010), realizado com 229 estudantes de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo, o qual tinha como objetivo estimar a prevalência de transtornos mentais comuns (TMC), atingindo o valor de 37,1%. Esses valores são reflexos da exigência excessiva a qual o aluno do curso de medicina está submetido em seu dia a dia.

Em relação a epidemiologia, no presente estudo foi encontrado que há uma maior prevalência no sexo feminino para todos os transtornos abordados, exceto para o TDAH, dados que corroboram vários estudos também realizados com estudantes de medicina. Tal prevalência pode ser explicada, pois alterações no sistema endócrino das mulheres em períodos pré-menstruais, pós parto e menopausa as tornam mais vulneráveis aos TMC (RODRIGUES et al., 2019; PINTO; CAVESTRO; FERREIRA, 2018; SOUZA; TAVARES; PINTO, 2018; SOUZA, 2010;).

No caso do TDAH não foi encontrado em estudos anteriores, a prevalência em estudantes de medicina, mas, em âmbito geral, de acordo o DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), têm-se o sexo masculino como predominante. Por outro lado, é importante uma maior atenção com o sexo feminino, uma vez que suas chances de desenvolverem transtornos de ansiedade, não só ansiedade generalizada, mas também transtornos de pânico, agorafobia e fobia, são mais prevalentes (GORRERE; SANTOS, 2020; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; SOUZA, 2010; SANTOS; VASCONCELOS, 2010).

Os pacientes diagnosticados com TAG tem como principais sintomas, a ansiedade e a preocupação excessiva, podendo vir conjuntamente com sofrimento subjetivo relacionado ao seu funcionamento de modo geral. Assim, o indivíduo não consegue controlar de forma efetiva, a preocupação e nem evitar a interferência de pensamentos

preocupantes em suas tarefas. Ansiedade e preocupação são acompanhadas por pelo menos três dos seguintes sintomas adicionais: inquietação ou sensação de estar com os nervos à flor da pele, fadigabilidade, dificuldade de concentrar-se ou sensações de “branco” na mente, irritabilidade, tensão muscular e perturbação do sono (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Em nosso estudo, observa-se uma certa insatisfação no desempenho acadêmico dos estudantes que se supõem portadores de TAG e dos que foram diagnosticados por especialistas como portadores de TAG. Esse fato pode ser explicado, pois a ansiedade oferece incertezas do futuro, insegurança em relação ao seu desempenho e à sua autoeficácia (ROLLEMBERG, 2018). Fatores esses podem também explicar, as queixas de desistência do curso e sentimentos de vergonha ou humilhação.

Transtornos depressivos são considerados como um transtorno de humor. Eles são classificados em diferentes tipos, mas, de forma geral, apresentam algumas características em comum como: presença de humor triste, vazio ou irritável, perda de interesse ou prazer, perda ou ganho de peso significativo, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, perda de energia, sentimento de inutilidade ou culpa excessiva ou inadequada, indecisão ou capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se e pensamentos de morte recorrentes. Ou seja, alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. Suas classificações são baseadas nos aspectos de duração, momento ou etiologia presumida. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; VALLILO et al., 2011). Ao analisar a nossa amostra, 6,2% sugeriram ter depressão, enquanto 2,17% realmente foram previamente diagnosticados. Maia (2020), em seu estudo com 173 alunos de medicina em metodologia ativa PBL do 1º ao 6º ano da UEFS, observou uma divisão em graus de sintomas depressivos: 33,5% com sintomas leves; 9,2% com sintomas moderados; e 3,4% com sintomas graves. Já no estudo de Rocha et al. (2019), cuja população era de 300 estudantes de uma universidade privada de Medicina com metodologia ativa do estado de São Paulo, viu-se sintomas depressivos leves (18,6%), moderados (11%) e graves (5,3%). Dessa forma, visto que o método utilizado nos outros estudos consiste no uso da Escala de depressão de Beck que avalia o grau de severidade dos episódios de depressão, enquanto nosso artigo avalia apenas a suposição e o diagnóstico prévio, uma comparação mais precisa referente a prevalência dessa doença torna-se prejudicada.

Segundo Vallilo et al. (2011), a depressão pode levar a prejuízos psíquicos e no desempenho acadêmico. Em nosso estudo, foi encontrado que 80% dos que possuem

algum sintoma de depressão se sentem insatisfeitos com o seu rendimento acadêmico, o que compreende uma certa discrepância em relação à pesquisa de Costa et al. (2012) que, dos 84 internos de medicina da Universidade Federal de Sergipe que faziam parte da amostra, 58,7% alegaram possuir uma performance irregular em relação aos seus colegas de turma.

Em relação a desistência, no presente artigo, foi encontrado que dos alunos que supõem depressão, 65% já pensaram em desistir do curso, dado esse considerado bastante preocupante, mostrando a insatisfação com o curso. Em Souza (2010), foi percebido que 39,56% já pensaram em desistir do curso em algum momento. Além disso, é importante se atentar para os estudantes que não sentem sintomas depressivos, mas já pensaram em desistir do curso, uma vez que há uma probabilidade alta desses desenvolverem esse pensamento de desistência devido a outros fatores como elevada carga horária ou distância da família (COSTA et al., 2012).

Dessa forma, podemos justificar as discrepâncias dos estudos de Rocha et al. (2019), Costa et al. (2012) e Souza (2010), com o nosso, pois o método utilizado por eles consistiu no uso da Escala de depressão de Beck que avalia o grau de severidade dos episódios de depressão, enquanto nossa pesquisa, avalia apenas a suposição e o diagnóstico prévio por especialista.

O TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento onde o sujeito apresenta níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. O indivíduo com esse déficit tem dificuldade de manter o foco, costumam perder seus objetos, estão quase sempre inquietos e por vezes acabam intrometendo-se em atividades de outrem, como por exemplo: usar objetos de outras pessoas sem permissão ou meter-se em conversas ou jogos. Os portadores geralmente têm prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Ao analisar o TDAH em nossa amostra, concluiu-se que 85% dos alunos que acreditam possuir TDAH encontram-se insatisfeitos com o seu rendimento acadêmico. No estudo de Oliveira (2015), sobre as repercussões do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) na experiência universitária, os estudantes com TDAH vivenciam maior preocupação acadêmica, enfrentam maiores dificuldades e consideram seu desempenho inferior, embora os hábitos de estudos acadêmicos e a quantidade de horas estudadas sejam as mesmas. Isso ocorre pois os indivíduos com TDAH apresentam níveis mais reduzidos de autoestima, o que afeta negativamente sua adaptação acadêmica.

No caso da fobia social, há, por parte dos indivíduos, um medo intenso de serem avaliados negativamente ou de se comportar de maneira humilhante/vergonhosa e isso levar a outros julgamentos maldosos. Junto a isso, surge a preocupação de tentar não transparecer nervosismo. No caso dos estudantes, é possível que haja danos à vida acadêmica podendo culminar até em abandono do curso de graduação (ANDRADE et al., 2019; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Vemos em nosso estudo que 30,8% dos estudantes foram diagnosticados dentro de algum grau de fobia social, corroborando com o estudo feito por Regis (2015), com 479 estudantes do primeiro ao sexto ano do curso médico da Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP, com prevalência de fobia social de 36%. Em estudantes universitários brasileiros, o valor atinge 11,6%, divergência essa que pode ser explicada pelas diferenças na metodologia de ensino, como também por não envolver apenas estudantes de medicina, um curso sabidamente mais extenuante e que requer do aluno mais interação social, principalmente na metodologia PBL, o que dificulta uma comparação mais precisa (SILVEIRA et al., 2020).

Ao analisar a satisfação acadêmica, nosso estudo mostrou que a maioria dos que nunca pensaram em desistir do curso e nunca se sentiram humilhados ou envergonhados são aqueles que não apresentaram nenhum grau de fobia social. Isso pode ser explicado, pois estudantes com fobia social apresentam dificuldades de falar em público e se sentem assustados ao serem criticados, fatos que são bastante comuns na metodologia ativa, onde é frequente o número de seminários e sessões tutoriais, nas quais os alunos são constantemente avaliados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; REIS et al., 2013;).

Outrossim, diante do cenário da covid 19, podemos observar a relação entre a pandemia e a saúde psíquica dos estudantes de medicina. Segundo Teixeira et al. (2021) em seu estudo sobre a saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da corona vírus disease 2019, realizado com 656 estudantes do curso de Medicina do Brasil, verificou-se que 62,8% apresentaram sinais de adoecimento mental e 81,4% perceberam mudanças psíquicas durante o isolamento social. Desta forma, a presente perspectiva chama atenção, uma vez que nosso estudo mostra a saúde psíquica do estudante de medicina, já afetada antes da pandemia, sendo potencializada pelo período pandêmico.

Observou-se que a principal limitação do nosso estudo foi a não realização da coleta de dados de estudantes de medicina submetidos ao método tradicional no estado

de Sergipe para que assim pudesse haver um grupo comparativo. Devido a isso, vê-se a necessidade da realização de novas pesquisas complementares.

6 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, a presença de transtornos psíquicos mostrou-se ser uma realidade na vida dos acadêmicos de medicina e por isso merecem uma grande atenção. Foram enfatizados em nosso estudo alguns TMC, como o TAG, depressão, TDAH e fobia social, com prevalência no sexo feminino exceto TDAH, e a sua negativa relação com a vida estudantil. Os estudantes com TMC apresentam maiores dificuldades em suas tarefas acadêmicas em comparação aos demais alunos, uma vez que se sentem humilhados ou envergonhados durante as aulas, principalmente nos alunos com fobia social. Com isso, surge um pensamento de desistência do curso, que acomete preferencialmente os alunos com sintomas depressivos.

Frente a estes resultados, as universidades e pesquisadores devem se atentar às necessidades dos discentes, visto que parte dos alunos podem estar sofrendo com algum tipo de transtorno psíquico e não têm o suporte adequado. Com isso, torna-se necessária uma intervenção para esses casos, a exemplo de uma equipe profissional de suporte psicológico para os estudantes com o objetivo de diagnosticar e dar o apoio adequado, como também a inclusão de palestras sobre o tema dentro da grade curricular, abordando as dificuldades. Dessa maneira, os estudantes serão estimulados a buscar ajuda com profissionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Dra. Déborah Pimentel, peça fundamental para a construção deste artigo. Agradecemos também aos alunos de medicina da Universidade Tiradentes e da Universidade Federal de Sergipe (Campos Lagarto), pelas informações passadas para o desenvolvimento do nosso trabalho. À Universidade Tiradentes, pelo incentivo às novas descobertas na área da pesquisa.

Fonte de financiamento: Esse estudo contou com o apoio financeiro do programa institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Tiradentes de Aracaju-Sergipe PROBIC/Unit.

REFERÊNCIAS

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
2. ANDRADE, Mayana Lula et al. Fobia social em estudantes de medicina submetidos ao método de ensino-aprendizagem baseada em problemas no estado de Sergipe, 2019.
3. COSTA, Edméa Fontes de Oliva et al. Sintomas depressivos entre internos de medicina em uma universidade pública brasileira. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 1, p. 53-59, 2012.
4. FIOROTTI, Karoline Pedroti et al. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.
5. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
6. GORRERE, Tainara Santos; SANTOS, Edilson Rebelo. TDAH E DESEMPENHO ACADÊMICO: REFLEXÃO ACERCA DA INCLUSÃO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3, n. 3, 2020.
7. LIEBOWITZ, Michael R.; PHARMACOPSYCHIATRY, Mod Probl. Social phobia. 1987.
8. MAIA, Heros Aureliano Antunes da Silva et al. Prevalência de Sintomas Depressivos em Estudantes de Medicina com Currículo de Aprendizagem Baseada em Problemas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 3, 2020.
9. NEPONUCENO, Hironaldo de Jesus; SOUZA, Bárbara Dourado Macedo; NEVES, Nedy Maria Branco Cerqueira. Transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. **Revista Bioética**, v. 27, n. 3, 2019.
10. OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. Repercusiones del Trastorno de Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH) en la Experiencia Universitaria. **Psicología: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 613-629, 2015.
11. OLIVEIRA, Gabriella Santos et al. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina da Universidade Federal do Amapá. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 5, n. 3, 2017.
12. PINTO, Nathan Assis Jordão; CAVESTRO, Júlio Melo; FERREIRA, Wardislau. Prevalência de transtorno de ansiedade generalizada em estudantes de medicina. **REVISTA INTERDISCIPLINAR CIÊNCIAS MÉDICAS**, v. 2, n. 2, p. 36-43, 2018.
13. REGIS, Jacqueline Maria de Oliveira. Transtorno de ansiedade social e insatisfação com a imagem corporal em estudantes de medicina: prevalência e fatores associados. 2015.
14. REIS, Bianka Monalisa Vendrame et al. O impacto da metodologia ativa de ensino na evolução dos sintomas de ansiedade social dentre os acadêmicos de medicina. **Ensaio e Ciência**, v. 17, n. 3, 2013.
15. ROCHA, Emmanuelle Santana; SASSI, André Petraglia. Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. **Revista brasileira de educação médica**, v. 37, n. 2, p. 210-216, 2013.

16. ROCHA, Igor Lima; VARÃO, Fillype da Silva; NUNES, Jonatha Rospide. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 102989-103000, 2020.
17. ROCHA, Letícia Nunes et al. Qualidade de vida e depressão: estudo comparativo entre etapas no curso de medicina em metodologia ativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 11, p. e524-e524, 2019.
18. RODRIGUES, Maria Dilene da Silva et al. Transtorno de Ansiedade Social no Contexto da Aprendizagem Baseada em Problemas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1, p. 65-71, 2019.
19. ROLLEMBERG, Gabriela de Santana Mendes. Avaliação da presença de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de Medicina da Universidade Federal de Sergipe-Campus Lagarto. 2018.
20. RONN, Andressa Pereira et al. Evidências da efetividade da aprendizagem baseada em problemas na educação médica: uma revisão de literatura. **Revista Ciência e Estudos Acadêmicos de Medicina**, v. 1, n. 11, 2019.
21. SALES, Alberone Ferreira Gondim et al. Transtorno mental comum em estudantes de medicina: PBL versus tradicional. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 10, n. 4, p. 131-138, 2020.
22. SANTOS, Letícia de Faria; VASCONCELOS, Laércia Abreu. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 717-724, 2010.
23. SILVEIRA, Kamila Maria de Andrade Santos et al. Fobia social e a autopercepção do desempenho de estudantes de medicina submetidos à metodologia ativa em Sergipe. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 9, p. e3193-e3193, 2020.
24. SOUZA, Amanda Santos; TAVARES, Karine Marques; PINTO, Paula Sanders Pereira. Depressão em estudantes de medicina: uma revisão sistemática de literatura. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 16, 2018.
25. SOUZA, Luciano. **Prevalência de sintomas depressivos, ansiosos e estresse em acadêmicos de medicina**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
26. TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia et al. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 1, p. 21-29, 2021.
27. VALLILO, Nathália Gaspar et al. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. **Rev Bras Clin Med**, v. 9, n. 1, p. 36-34, 2011.